

ESTUDO DE CLASSIFICAÇÃO ÚNICA

Instituição: S/A Correio Braziliense

Sérgio Coletto, Arquivista

S/A Correio Braziliense

[\(sergiopecanha.df@dabr.com.br\)](mailto:sergiopecanha.df@dabr.com.br)

Resumo:

O Centro de Documentação – Cedoc do jornal Correio Braziliense tem como uma de suas atribuições a gestão dos acervos jornalísticos produzidos ou adquiridos pelo veículo, que contemplam material imagético e textual, em suporte físico e digital. Para o tratamento técnico dos documentos foram implementados cinco diferentes planos de classificação que não abarcaram o crescimento exponencial do arquivo, o que resultou em diversos padrões que ainda são utilizados para a recuperação das informações nas fichas e bases, mas dificultam o trabalho dos pesquisadores nos diversos acervos. O plano utilizado atualmente na classificação é o *International Press Telecommunications Council* – IPTC, um padrão de metadados criado por uma associação de agências europeias e norte-americanas que visa atender veículos de comunicação em massa no tratamento técnico de informações nos bancos de dados que, no Correio Braziliense, é aplicado em fotografias, ilustrações, charges, passatempos e, futuramente, infografias, textos e imagens em movimento. O Projeto de Classificação Única, ainda em fase de estudo, pretende tornar eficiente a gestão do conteúdo informacional do jornal ao adequar o padrão IPTC a sua realidade, unindo, assim, as categorias e subcategorias do primeiro aos planos de classificação outrora criados pelo veículo para criar um outro que contemple tanto os assuntos da atualidade quanto os abordados durante sua história. Tais medidas tornarão os processos de classificação e recuperação mais intuitivos, além de abertos a novas subcategorias, viabilizando o intercâmbio de conteúdo informacional produzido por todos os veículos do Grupo Diários Associados.

Abstract:

The Documentation Center - Cedoc of the newspaper Correio Braziliense has as one of its activities the management of textual, imagnetic and journalistic records, available on digital and physical environments, produced and acquired by the vehicle. For the technical treatment of the documentation, five different classification plans were implemented, but these plans did not include the exponential growth of the archive. It turned out to many standards that have been applied to retrieve information from index cards and databases. However, these different standards are obstacles to researchers in the archive. At this moment, the classification plan of the International Press Telecommunications Council -IPTC has been employed. It is a standard of metadata created by a consortium of European and North American agencies, which intends to attend mass media vehicles on technical treatment of database information. At

Correio Braziliense, the standard is used for photographs, illustrations, drawings and pastimes. In the future, it will be used for vectorial graphics, texts and movement images. The Single Classification Project is still in study phase and it intend the efficiency of the informational knowledge management of the newspaper. It will adapt the IPTC standard to the newspaper reality by attaching, so, nowadays categories and subcategories to past classification plans to create a new one that will include present and past subjects. Such changes will turn the process of classification and recovery more intuitive and opened to new subcategories, making possible the interchange of informacional content produced by all the Diários Associados's vehicles.

Palavras-chave: Padronização. Classificação. Tratamento técnico. Imagem. Texto.

1 Introdução

Um jornal é uma ferramenta fundamental tanto no registro da história de uma cidade quanto na criação de sua memória. Participa de forma significativa na construção do conhecimento por meio da produção e difusão da informação em forma de notícia nos mais diferentes aspectos: sociais, culturais, econômicos e políticos.

Em seu livro, o jornalista Noblat (2002) exalta a função que um jornal deve adquirir perante a comunidade em que está inserido:

Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência.

Antes de ser um negócio, jornal deve ser visto como um serviço público. E como servidor público deverá proceder. Mais do que informações e conhecimentos, o jornal deve transmitir entendimento. Porque é do entendimento que deriva o poder. E em uma democracia, o poder é dos cidadãos.¹

Um veículo de comunidade implica diretamente na construção da identidade de um lugar, agindo simultaneamente como divulgador de fatos e formador de opinião. Sobre a importância do jornalista no contexto de construção de uma história, Barbosa (2007) escreveu:

A identidade social pode incluir ou excluir um indivíduo ou os grupos uns dos outros, sendo uma categoria que modula a alteridade entre

¹ NOBLAT, Ricardo. A arte de fazer um jornal diário. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 21-26, 68-75.

nós e eles e que está invariavelmente presente na diferença cultural. Mas a identidade social é sempre multilocalizada. Ela aparece de forma homogênea e uniforme, porque é a prática memorável que permite ultrapassar o registro individual, formulando coletivamente o que é ser jornalista nesse passado mítico.²

Ao relatar o cotidiano de uma cidade, abrangem-se múltiplos universos e infinitos temas a serem abordados, o que implica numa geração de informação que tende a sofrer um crescimento exponencial, visto a identificação cada vez maior de Brasília como uma grande megalópole. Todo esse volume de dados gerados diariamente necessita ser organizado de forma inteligível para permitir a recuperação de valiosas informações.

Adequar planos de classificação já existentes criados com o passar dos anos à realidade atual auxiliará tanto na agilidade quanto na qualidade do tratamento técnico e na recuperação da informação jornalística, que implicam diretamente na produção do jornal, o que significa maior eficiência na recuperação do registro da história e memória do espaço coletivo, principalmente no que se refere à Brasília.

2 A Instituição

O nascimento do Correio Braziliense está dividido em duas fases. A primeira teve como fundador o intelectual brasileiro Hipólito José da Costa, que criou o veículo em Londres no ano de 1808. É considerado o primeiro jornal brasileiro. Originalmente publicava volumes repletos de opiniões, reflexões e comentários que entravam no Brasil clandestinamente devido à censura da Coroa Portuguesa. Foi líder de opinião por 14 anos e contribuía intelectualmente para a implantação de uma monarquia constitucional – que deu um caráter mais liberal ao Estado e incentivou o fim da escravidão –, além de ampla cobertura à Revolução Pernambucana e às manifestações em prol de uma unidade brasileira independente, bem como a transferência de sua capital para o interior do Brasil. Em dezembro de 1822, quatro meses após o Grito do Ipiranga, o veículo se extinguiu com quase todos os principais objetivos alcançados.

² BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa – Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 75-102.

A segunda fase do Correio Braziliense inicia-se juntamente com o planejamento da Nova Capital. Em 1956, o jornalista e empresário Assis Chateaubriand, em desafio a JK, decidiu que se Brasília fosse inaugurada em tempo *record*, o seu jornal também seria. Visto que um dos objetivos remanescentes de Hipólito José da Costa seria concretizado – a interiorização da capital –, a antiga marca foi retomada e o jornal, batizado de Correio Braziliense, foi inaugurado em 21 de abril de 1960.

Pertencente ao grupo Diários Associados, o jornal hoje é fonte de informação e base para pesquisas de cunho histórico-acadêmico, visto sua cobertura dos eventos da cidade que abrangem todo o período de existência da mesma, já que foram fundados em datas concomitantes. Em questões de registro, preservação e recuperação de história e memória, o Correio Braziliense possui particularidades ímpares: é referência de tratamento informacional não só para os outros veículos do grupo como para Brasília.

3 O Cedoc

O Centro de Documentação – Cedoc do jornal existe desde a fundação do Correio Braziliense, mas foi inserido organicamente na empresa apenas na década de 70. Atualmente conta com 22 funcionários com formações em administração de empresas, arquivologia, biblioteconomia, história, jornalismo e letras. Está dividido em três subsetores: o Núcleo de Apoio Administrativo, o Núcleo de Documentação de Arquivo e Biblioteca e o Núcleo de Documentação Jornalística. A gestão das espécies documentais se faz de acordo com o perfil de cada núcleo, mas todos são responsáveis pelo gerenciamento, conservação e preservação do acervo.

Os usuários dos acervos e coleções do setor podem ser divididos em dois grupos: os internos (a redação e os setores financeiro, contábil e jurídico do Correio Braziliense, outros veículos dos Diários Associados, etc) e os externos (pesquisadores, professores, estudantes, leitores, etc). Essa vasta gama de clientes exige do Cedoc dinamismo, atuação e aptidão para implantar mudanças sempre que necessário.

As principais responsabilidades do Cedoc estão na gestão do acervo administrativo de valor intermediário e permanente das áreas meio (documentação administrativa) e fim (biblioteca, hemeroteca, fotografias, ilustrações, charges, infografias e vídeos) tanto em suporte físico quanto digital, produzidos ou adquiridos pelo veículo. Está diretamente ligado com a publicação diária do jornal, apoiando o editorial e utilizando as ferramentas adequadas ao fornecer subsídios para a produção da

notícia por meio de pesquisas dentro do acervo do próprio Correio Braziliense e dos acervos dos veículos externos pertencentes ou não ao grupo Diários Associados. Com o embasamento histórico e a pluralidade de opiniões, o jornalista tenderá a redigir textos mais fundamentados, que contribuem diretamente para veracidade da notícia.

4 Os Acervos

O Cedoc gerencia documentos dos mais variados tipos em diversos suportes. Estes estão separados em vários acervos de acordo com sua especificidade. Os documentos são de caráter permanente, apesar do uso diário. Estão acondicionados de acordo com as normas de conservação padrão.

4.1 Edições do Correio Braziliense

São encadernações de todas as edições do jornal Correio Braziliense desde sua segunda fundação. Para se produzir tais coleções, utilizam-se duas cópias que, logo depois de impressas na gráfica, são separadas para não sofrer o processo completo de dobragem. O Cedoc é responsável pelo recolhimento desse material diariamente. Semanalmente, essas cópias são enviadas a uma prestadora de serviços para encadernação em capa dura no mesmo tamanho do jornal (46x38cm, chamado tecnicamente de *standart*). São encadernações idênticas, uma com a finalidade de ser instrumento de pesquisa e outra de “cópia de segurança”, que serve como *backup* da primeira. O acervo possui cópias desde a primeira edição. Estipula-se que, desde o dia 21 de abril de 1960 até hoje tenham sido 704 mil páginas publicadas³. Todo o material está disponível para consulta tanto para usuários internos quanto externos.

Além das cópias em papel, o Cedoc também é responsável pela gestão de duas cópias de cada página em suporte microfilme, que existem desde a primeira edição. São aproximadamente 1580 rolos de microfilmes, que também servem como *backup* do conteúdo produzido pelo Correio.

O conteúdo em meio digital começou a existir em 1999 em formato PDF. Os arquivos em alta resolução são armazenados em CD-ROMs e em um servidor; os em

³ CARRIJO, Elizângela e LIMA, Edina Rodrigues. *Arquivo Jornalístico do Correio Braziliense: um patrimônio documental?* VII CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL, Chile, 2007. Disponível em <http://www.asocarchi.cl/DOCS/63.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2010.

baixa resolução podem ser recuperados através do sistema Busca CB, uma ferramenta on-line disponível para assinantes e funcionários do Correio Braziliense.

4.2 Hemeroteca⁴

Além das edições do Correio Braziliense, o Cedoc guarda para pesquisa no mês corrente, jornais de vários outros veículos oriundos de todo o Brasil. Pretende-se, assim, promover a pluralidade de opinião.

O Cedoc também possui o Banco de Notícias Seleccionadas – BNS: recortes dos principais jornais do país clipados e organizados durante décadas. São 13 metros lineares de páginas dobradas e acondicionadas em pastas suspensas.

Os historiadores Goulart e Perpétuo (2007), funcionária e ex-funcionário do Correio Braziliense, em um artigo acadêmico sobre a criação, valor histórico e pluralidade do artifício, redigiram:

Em primeiro lugar, princípios elencados pelos historiadores foram utilizados para a defesa dos recortes de jornal, posto que cada um desses recortes, em separado ou em conjunto, constitui uma fonte histórica e, portanto, deveriam ser preservados. Observando-se as demandas dos jornalistas, verificou-se a necessidade de reunir informações atuais, de ponta, e, quando possível, resumidas. Por fim, bibliotecários e arquivistas apresentaram princípios que norteiam a lógica funcional do acervo quanto a seleção, guarda e disseminação dos documentos.

É nesse sentido que o BNS torna-se um espaço de interdisciplinaridade, ou seja, na medida em que reside nele um ponto de intersecção e equilíbrio entre as disciplinas mencionadas.⁵

4.3 Imagens

O acervo físico de imagens é constituído por fotografias de cunho jornalístico produzidas e adquiridas pelo Correio e acumuladas desde a fundação do jornal. São, em números aproximados: 8 milhões de fotografias em suporte de papel fotográfico; 7

⁴ Coleção ou conjunto organizado de periódicos (jornais e/ou revistas).

⁵ GOULART, Técia de Souza e PERPÉTUO, Thiago Pereira. Banco de Notícias Seleccionadas do Centro de Documentação do jornal Correio Braziliense – fonte de informações, espaço de interdisciplinaridade. VII CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL, Chile, 2007. Disponível em <http://www.asocarchi.cl/DOCS/115.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2010.

milhões de fotogramas (ou negativos) 1 milhão de ampliações fotográficas; cromos e telefotos⁶.

O acervo digital atualmente é composto por 1 milhão de imagens digitais produzidas pelo Correio e 4 milhões de imagens digitais adquiridas de outros veículos nacionais e internacionais, em crescimento diário. Este acervo é dividido em três bancos: um chamado “Produção”, é alimentado por imagens capturadas por fotógrafos do Correio e *freelancers*; outro, o “Nacionais”, comporta imagens de agências nacionais, reproduções (digitalizações de capas de livros e de discos, por exemplo), imagens de divulgação, imagens de arquivo pessoal e fotos produzidas por outros veículos do grupo; e o banco “Internacionais”, que abriga imagens de agências internacionais como a Reuters, a Associated Press – AP e a Agence France-Presse – AFP. Num intervalo de 24 horas, apenas nos bancos “Produção” e “Nacionais” (onde as fotos necessitam ser classificadas e corrigidas) são inseridas, em média, 700 imagens digitais.

No ano de 2010, o Cedoc iniciou o tratamento técnico de outros tipos documentais digitais jornalísticos: ilustrações e charges. Em breve, iniciará também o tratamento de infografias e imagens em movimento (vídeo), aumentando, assim, a quantidade de acervos sob sua responsabilidade.

5 Sistemas de gerenciamento e classificação atual

No período de 1970 até 1994, o Cedoc não possuía recursos informatizados para tratamento técnico das informações. Para encontrar um assunto específico em publicações nos acervos textual e imagético, alimentou-se diariamente uma base de dados composta de aproximadamente 124 metros lineares de fichas em papel-cartão com os metadados datilografados referentes ao assunto principal da matéria e/ou fotografia.

As informações são revestidas pela notícia, por isso foi necessária a elaboração de um sistema de classificação ilimitado, onde uma nova categoria específica era criada sempre que um novo assunto era abordado pelo jornal. Reconhecendo o perfil

⁶ CALDAS, Vânia. O impacto da imagem digital no jornal Correio Braziliense: um estudo de caso. Congresso de Arquivologia do Mercosul, 6., 2005, São Paulo. Anais... São Paulo: [s.n], 2005. 1-7, CD-ROM.

cosmopolita de um veículo de comunicação em massa, o surgimento de novas categorias era freqüente. Durante anos, a fim de evitar aparecimento de classes sinônimas, foi necessário o estabelecimento de padrões. Utilizar vocabulário controlado em um acervo tão diversificado foi um desafio recorrente durante anos, visto a escassez de profissionais especializados em arquivo na década de 70. Foi definido um método empírico que, segundo Robredo (2005), pode ser classificado como baseado em linguagem natural controlada não-estruturada:

Do ponto de vista da linguagem utilizada para representar os conceitos, pode-se considerar a indexação em linguagem natural, que inclui:

- A linguagem natural livre (indexação por palavras-chave extraídas do próprio documento);
- A linguagem natural controlada, a qual, por sua vez, inclui as linguagens naturais controladas não estruturadas (listas de descritores padronizados com eliminação de sinônimos, listas de cabeçalho de assunto, etc)⁷

Uma notícia pode ser inserida em várias categorias. Rodrigues e Oliveira (2004), arquivista e historiadora, ex-funcionária e funcionária do Correio Braziliense, descrevem um exemplo que ilustra a extração de metadados de uma notícia e sua respectiva inserção no fichário:

Uma notícia publicada em 13 de agosto de 1984 sobre um encontro nacional do PMDB realizado em Brasília, com as presenças de Tancredo Neves, Ulysses Guimarães e José Sarney, tem registro em várias fichas catalográficas com diferentes títulos/palavras-chave pelos quais a informação poderá ser encontrada: “Neves, Tancredo”; “Guimarães, Ulysses”; “Sarney, José”; “PMDB”.⁸

Como o fichário era um sistema não-automatizado, para a interseção de metadados relativos entre si, criavam-se várias fichas idênticas e alocava-se cada uma em sua respectiva categoria. Assim, a recuperação pode acontecer por vários caminhos. Segundo Robredo (2005), podemos classificar esse método como uma indexação não coordenada:

A indexação, do ponto de vista das possíveis relações entre os termos ou códigos utilizados para representar o conteúdo dos documentos,

⁷ ROBREDO, Jaime. *Documentação de hoje e amanhã*. Brasília: edição do autor, 2005. p. 124-127.

⁸ RODRIGUES, Maria Casimiro; OLIVEIRA, Walquíria de. *Fichário: caminho de saberes no Centro de Documentação do jornal Correio Braziliense*. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 1., 2004, Brasília. Os Arquivos no século XXI: políticas e práticas de acesso às informações. Anais... Brasília: ABARq/ UnB, 2004. Em CD-ROM.

pode ser:

-Coordenada, quando se associa dois ou mais conceitos unitários (por exemplo, economia agrícola)

-não coordenada, quando tal associação não existe (por exemplo: economia, agricultura, etc., como conceitos independentes)⁹

Este mecanismo atendeu às necessidades de recuperação de conteúdo textual e imagético do Correio Braziliense entre o período de 1970 e 1994. Em 1986, em um capítulo dedicado a acervos fotográficos em seu livro Paes (2004) apenas confirmou a técnica de registro de metadados utilizada pelo Correio:

[...] destacam-se das fotografias todos os elementos que possam servir à pesquisa: nomes, assuntos, fatos ou acontecimentos, datas, lugares ou objetos: tais elementos são transcritos numa ficha principal, que será desdobrada de forma a atender às peculiaridades de cada caso. Para os assuntos, deve-se elaborar uma lista de termos específicos com as remissivas necessárias, a fim de se evitar o emprego de sinônimos e palavras diferentes para expressar a mesma idéia. Da ficha devem constar ainda informações complementares sobre a apresentação física da fotografia, a quantidade, inclusive de negativos, a referência bibliográfica, em caso de publicação, e outros dados pertinentes a cada caso.¹⁰

Junto do sistema de metadados, 6 tipos de sistemas diferentes de ordenamento físico de imagens foram criados com o passar dos anos. São eles: Sistema S/N (que comporta as décadas de 1960, 1970 e meados de 1980), com pastas em ordem numérica, ex.: S/N 1, S/N 2; Sistema F (de 1970 a 1987), onde pastas e negativos são dispostos cronologicamente e têm o mesmo número, ex: F907, F2342; Sistema F100 (meados de 1987 a 1992) com códigos semelhantes ao sistema F; Sistema 850 (anos de 1992 e 1993), com pastas numéricas separadas por classes, ex.: 850(001), 860(324), 870(578); Sistema Base Antiga (1994 a 1998), que está dividido em dois grupos: Personalidades e Políticos; e o Sistema Base Nova (1999 a 2003), onde as pastas estão classificadas por assunto, ex: Acidente de Trânsito, Basquete, Festa Junina. Cada um compreende uma lógica estrutural diferente, o que notoriamente dificulta o processo de pesquisa.

Com a chegada do digital no setor de comunicação, os fichários se tornaram obsoletos e novos suportes de metadados foram utilizados. A Base Fólio Views foi a

⁹ ROBREDO, Jaime. *Documentação de hoje e amanhã*. Brasília: edição do autor, 2005. p. 124-127.

¹⁰ PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 147-154

primeira e podemos caracterizá-la como um “fichário virtual”. Isso eliminou o uso de fichas em papel. A única e mais relevante diferença está na indexação, pois não foi mais necessária a criação de várias fichas: uma, somente, já satisfaz o mecanismo eletrônico de busca. Isso perdurou entre 1994 e 1998, para texto e de 1994 a 2003 para imagens. É nesse período que os dois acervos (textual e imagético) tomam rumos diferentes.

A evolução da pesquisa de material textual tem 1999 como uma data marcante, pois foi nesse ano que o Busca CB foi criado. É uma ferramenta on-line que se assemelha aos mais populares sistemas de busca na Internet: um campo geral onde qualquer informação pode ser pesquisada; e vários subcampos primeiramente ocultos, que permitem a busca em um determinado limite temporal e em campos específicos. O resultado traz a página do jornal em formato PDF tal qual foi publicada, mas com imagens em baixa resolução. Este mecanismo de busca também pode ser utilizado pelo usuário externo, desde que seja assinante do jornal.

Paralelo ao Busca CB, desde 1995, alimenta-se também uma “base de segurança”: o Library, que contém todo o material textual produzido no jornal, inclusive as matérias não publicadas. Apenas usuários internos têm acesso a esta base.

Com o início do uso da fotografia digital no Correio Braziliense, mudou-se a forma de pesquisa no acervo imagético. Diferentemente do conteúdo textual, já não são mais criados materiais fotográficos em suportes físicos. Para gerenciamento do acervo, adquiriu-se a licença de uso do software Telescope, que permitia a inserção e a classificação da imagem. Apenas setores incumbidos da gestão do conteúdo informacional da imagem possuíam acesso a este: a Editoria de Fotografia e o Cedoc. Como o Telescope possuía atribuições que demandavam recursos tecnológicos ainda não tão desenvolvidos na época e não se mostrava eficiente quando muitos usuários o utilizavam simultaneamente, o Image View foi criado: uma interface na web do Telescope que não permite a edição dos metadados da imagem, mas apenas sua visualização e *download*, sem sobrecarregar o Telescope. Era acessado por usuários que não estavam diretamente ligados com o gerenciamento da imagem, como a Redação do jornal.

Em 2009, decidiu-se acabar com a multiplicidade de softwares. Para isso, uma ferramenta única foi criada para atender todo o Correio Braziliense: o Sistema D.A Press. Desenvolvido a partir de estudos técnicos feitos pelo Cedoc em conjunto com o setor de tecnologia da empresa, conseguiu unir as funcionalidades do Telescope e Image View sem sobrecarregar-se. Assim, o Sistema D.A Press consegue ser útil para gerir,

pesquisar e comercializar fotografias, ilustrações, charges e, futuramente, textos, infografias e imagem e movimento.

6 O IPTC

Para classificar as imagens digitais, adotou-se o rol do *International Press Telecommunication Council* – IPTC, desenvolvido pelo próprio IPTC e pela *Newspaper Association of America* – NAA. Utilizados mundialmente para identificar o conteúdo digital transmitido, o IPTC propõe um padrão de descrição para intercâmbio de informações com uma codificação de campos de identificação das imagens que é adotado pela maioria das agências de notícias, revistas e jornais de todo o mundo.

No Correio Braziliense, o IPTC passou a ser utilizado juntamente com o Telescope, no início da mudança do suporte fotográfico do físico para o digital. Todas as imagens ao entrarem nos bancos “produção” e “nacionais” são, obrigatoriamente, classificadas e indexadas de acordo com o contexto em que estão inseridas e seguindo padrões pré-definidos. O procedimento continua basicamente o mesmo com a implantação do Sistema D.A Press, mas de forma otimizada: são preenchidos e/ou revisados os campos “Descrição”, “Data de criação”, “Autor”, “Cromia” (se preto e branco ou colorida), “Posicionamento” (horizontal ou vertical) e, caso seja uma foto antiga que passou pelo processo de digitalização, “Localização no Acervo Físico”. Para realizar a classificação, o indexador deve buscar no IPTC uma categoria e, por conseguinte, uma subcategoria adequadas.

O processo está dividido em duas etapas. Na primeira, (o preenchimento do campo “Categoria”) classifica-se generalizadamente dentre as 18 classes definidas, que são representadas pelas 3 primeiras letras iniciais da palavra em inglês. Ex.: se a fotografia estiver dentro do contexto “esporte”, seleciona-se a categoria SPO (*sport*); se for “educação”, EDU (*education*); se “estilo de vida e lazer”, LIF (*lifestyle*). Na segunda etapa (o preenchimento do campo “Subcategoria”) classifica-se de forma mais específica, dentre 386 subclasses disponíveis de assuntos relacionados à categoria. Ex.: SPO – remo; EDU – educação de adultos; LIF – hobby.

Cada categoria possui um número correspondente que engloba um universo de subcategorias correlacionadas. São três níveis de classificação existentes: o subject, o subject matter e o subject detail. A categoria “SPO”, por exemplo, é o subject e, de

acordo com a ordem alfabética, a décima quinta categoria listada, logo possui o número de referência 15.000.000; sua subcategoria “remo” é o subject matter e a quadragésima sétima listada, logo possui o número de referência 15.047.000. Para preencher as três últimas casas numéricas, o IPTC oferece mais uma classificação que especifica ainda mais o processo, o subject detail, mas esta não é utilizada pelo Correio Braziliense, que julga suficientes os dois primeiros níveis.

7 A Classificação Única

Possuir vários sistemas diferentes para recuperar textos e fotografias compromete a qualidade e o tempo utilizado para a realização das pesquisas. Para um veículo de comunicação que trabalha com *dead lines* e prazos curtos, tais procedimentos são demasiado prejudiciais, podendo até causar impactos negativos diretamente sobre a atividade fim da empresa: a produção diária do jornal.

Todos os sistemas, tanto os de fotografia quanto de texto, utilizam a classificação por assunto com códigos relacionados que permitem a busca nas prateleiras. Cada um possui um catálogo diferente com uma listagem dos assuntos e um código diferente. Para esclarecer todas as classificações por assunto (Fichários, Base Antiga, Base Nova, Telescope e Sistema D.A Press) e uni-las em apenas um sistema baseado no IPTC, criou-se o Projeto de Classificação Única, que contemplará também temas relacionados a realidade brasileira e, principalmente, brasiliense.

O IPTC possui 386 subcategorias, mas muitas delas não são utilizadas com frequência (ou nunca foram utilizadas) nas imagens produzidas pelo Correio, pelas agências de notícias e por outros veículos de comunicação do Brasil, como, por exemplo, alguns esportes regionais característicos de alguma região do mundo ou religiões que não são comuns ao nosso cotidiano. Possui também subcategorias repetidas em duas categorias diferentes, como, por exemplo, “Filosofia”, que pode ser encontrada tanto em SCI (ciência) quanto em REL (religião). Pretende-se estabelecer critérios a fim de evitar tal situação.

O projeto possuirá um rol aberto que permitirá a criação de novas categorias e subcategorias sempre que necessário de acordo com a realidade do jornal. Um severo controle arquivístico sobre este artifício deve ser mantido: haverá uma busca por classes sinônimas, discussão quanto à necessidade e à abrangência que terá, bem como sua

utilização. Evitar-se-á adendos de classes demasiado específicas que só contemplem o presente, por exemplo, uma subcategoria “50 anos de Brasília”: é um tema de extrema relevância para o Correio Braziliense, mas, por se tratar de um acontecimento único, apenas imagens referentes ao aniversário do ano de 2010 poderiam ser inclusas nesta classe.

8 Fases de implantação

8.1 Inventário de categorias de todos os sistemas

Essa fase consiste no estudo dos assuntos listados pelo fichário e listas pré-existentes referentes aos Sistemas SN, F, F-100 e 850 e na checagem destes no acervo físico. Devido à abrangência de temas tratados em um veículo de comunicação em massa, os assuntos criados nos sistemas cresceram continuamente até a mudança para sistema seguinte, logo muitos não foram atualizados nas listas.

Fisicamente, para o acervo textual, as relações consistem em 2 pastas-catálogo que listam os conteúdos dos fichários e uma encadernação para o BNS. Para o acervo imagético, 12 pastas-catálogo que abrangem os sistemas SN, F e F-100; 3 fichários de mesa de acrílico referentes ao sistema 850, uma encadernação para o antigo IPTC (que ainda possuía temas acrescentados pelo CB) e uma para o novo IPTC (a lista padrão disponibilizada pelo órgão internacional), que é utilizado atualmente. Estuda-se também a possibilidade do uso da Classificação Decimal Universal – CDU como referência para a comparação de termos descritivos dos assuntos tratados nas diversas documentações.

8.2 Elaboração de um índice de referência único

O projeto prevê a discussão entre os funcionários, coordenadores e gerente para unir todas as informações das relações índice, eliminar os assuntos sinônimos e duplicidades, acrescentar outros de acordo com a realidade brasileira e brasiliense, criar níveis de classificação, ou seja, distribuir os assuntos em categorias gerais e subcategorias específicas (assim como o IPTC) e distribuí-los em códigos.

8.3 Implementação no Correio Braziliense

É um projeto de implantação a longo prazo que demandará tempo e muito recurso humano. Consistirá em examinar todo o acervo imagético e textual, reordenar todos os documentos em suporte físico e reclassificar todos os documentos em todos os suportes. Para tal mudança de cultura no tratamento técnico, deverão ser organizadas oficinas para o treinamento dos funcionários tanto do Cedoc, quanto da Redação, pois a forma de pesquisar sofrerá alterações.

8.4 Implementação nos outros veículos do Diários Associados

Uma das finalidades do projeto é a integração dos conteúdos de todos veículos do grupo Diários Associados, respeitando as particularidades de seus respectivos acervos sem que sejam necessárias reclassificação, reindexação e/ou correções. Com os acervos padronizados em todo o Brasil e utilizando um único software (o Sistema D.A Press) poderá haver troca de conteúdo jornalístico sem entraves tecnológicos, burocráticos e arquivísticos.

9 Conclusão

O Projeto de Classificação Única do Cedoc do Correio Braziliense que surgiu com a necessidade de padronização na organização dos acervos a fim de otimizar o trabalho de seus pesquisadores e indexadores, visa inovar através do Sistema D.A Press, o tratamento técnico das informações primeiramente do Correio Braziliense e posteriormente de todo o grupo Diários Associados. Servirá como base e modelo para a uniformização da sistemática de classificação e recuperação de todo o material produzido pelos diferentes veículos do grupo, ultrapassando os limites existentes entre as espécies textual e imagética, viabilizando o intercâmbio informacional de forma segura, controlada e sem limitações tecnológicas, além de promover uma unicidade cultural e descritiva em toda a Instituição.

Referências:

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa – Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 75-102.

CALDAS, Vânia. O impacto da imagem digital no jornal Correio Braziliense: um estudo de caso. Congresso de Arquivologia do Mercosul, 6., 2005, São Paulo. Anais... São Paulo: [s.n], 2005. 1-7, CD-ROM.

CARNEIRO, Glauco. Brasil, primeiro: história dos Diários Associados. Brasília, DF: Fundação Assis. Chateaubriand. 1999. p. 29-50.

CARRIJO, Elizângela e LIMA, Edina Rodrigues. Arquivo Jornalístico do Correio Braziliense: um patrimônio documental? VII CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL, Chile, 2007. Disponível em <http://www.asocarchi.cl/DOCS/63.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2010.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle. Tesouro: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002. p. 19-60.

GOULART, Técia de Souza e PERPÉTUO, Thiago Pereira. Banco de Notícias Seleccionadas do Centro de Documentação do jornal Correio Braziliense – fonte de informações, espaço de interdisciplinaridade. VII CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL, Chile, 2007. Disponível em <http://www.asocarchi.cl/DOCS/115.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2010.

GUINCHAT, Claire, MENOUE, Michel. Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação. Brasília : IBICT, 1994. 540 p. 133-145.

IPTC Web. Established to safeguard the telecommunications interests of the world press. Features specifications and standards. Disponível em <<http://www.iptc.org>> Acesso em: 22 jul. 2010.

NOBLAT, Ricardo. A arte de fazer um jornal diário. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 21-26, 68-75.

OLIVEIRA, João Bosco. Arquivos de recortes de jornais: organização. São Paulo: Ângulo, 1982. v.16, p. 24-25.

PAES, Marilena Leite. Arquivo: teoria e prática. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 147-154.

RODRIGUES, Maria Casimiro; OLIVEIRA, Walquíria de. Fichário: caminho de saberes no Centro de Documentação do jornal Correio Braziliense. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 1., 2004, Brasília. Os Arquivos no século XXI: políticas e

práticas de acesso às informações. Anais... Brasília: ABARq/ UnB , 2004. Em CD-ROM.

ROBREDO, Jaime. Documentação de hoje e amanhã. Brasília: edição do autor, 2005. p. 124-127.

SCHELLENBERG, Theodore. Arquivos modernos: princípios e técnicas. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 83-96.

VAINFAS, Ronaldo. (Org.). Dicionário do Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 341-342, 361-364.